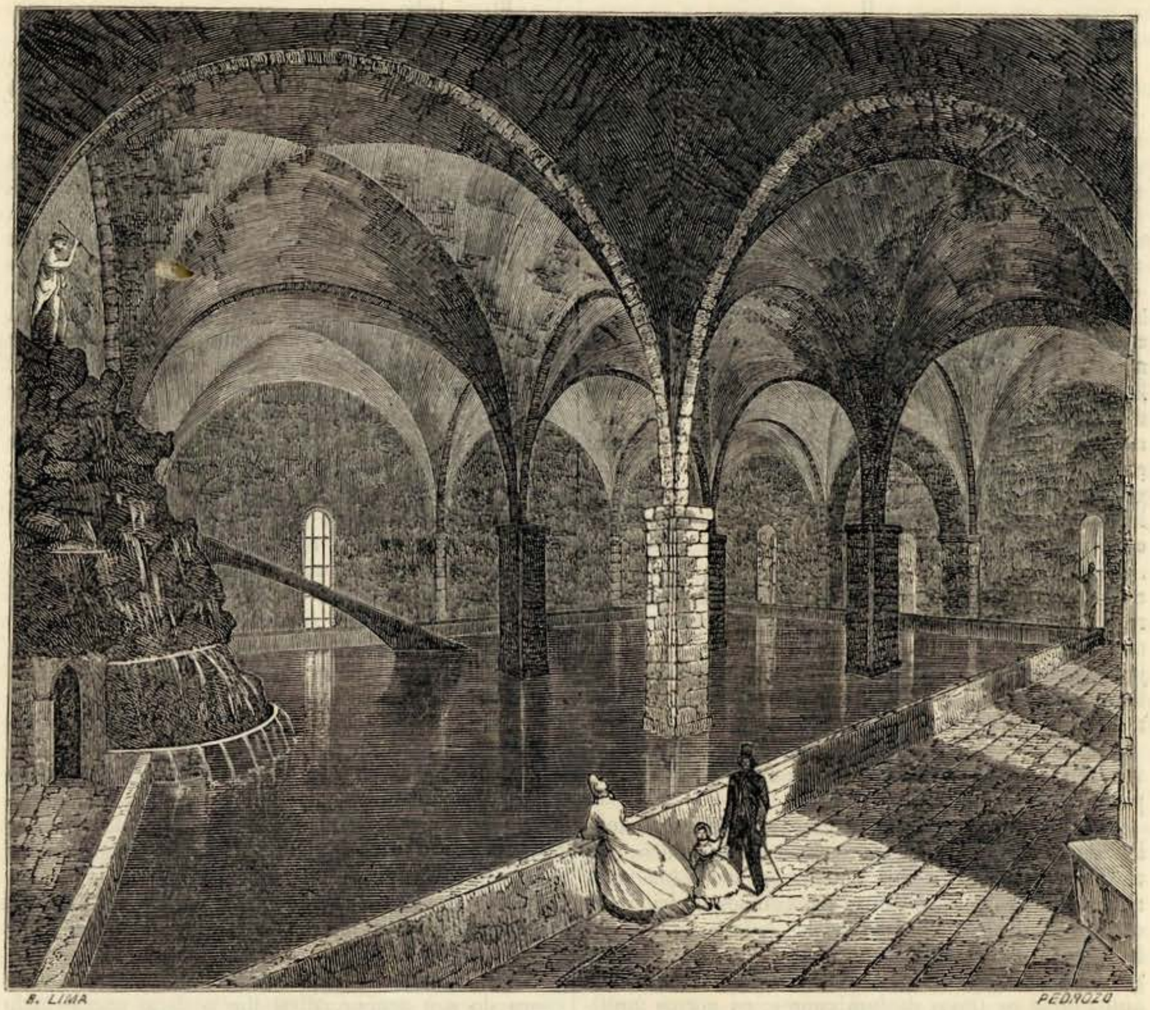


Vista interior do reservatorio das Aguas-livres — Desenho de Barbosa Lima — Gravura de Pedroso

Este grande reservatorio das aguas do famoso aqueducto de D. João v, fica á entrada da praça das Amoreiras, do lado do sul. A sua fórma externa é de uma torre quadrangular, de cantaria, com amplas janellas em volta, tal como se vê fielmente desenhada na estampa que vae a pag. 397. Por cima tem um eirado de lagêdo, para o qual se sóbe do interior por uma escada de caracol. D'alli se desfructa o magnifico panorama de Lisboa, por ser um dos pontos mais elevados e desaffrontados da cidade.

Dentro ha uma vastissima sala de abobadas e paredes de cantaria, com um tanque de 28 metros de comprimento, 24 de largura, e $7^{m},38$ de altura. As paredes d'este tanque tem $5^{m},14$ de grossura, com uma varanda, que fórma um folgado passeio por tres lados, porque no quarto fica a cascata por onde a agua se precipita com espantoso fragor, saindo da boca de um golphinho, que se vê aos pés da estatua de Neptuno. A exacção da estampa d'esta pagina nos dispensa de mais particular descripção.

Este tanque ou reservatorio leva 12:463 pipas de agua. Em caso de necessidade, e distribuindo-se com economia, póde prover Lisboa para um mez, segundo os calculos do academico Estevão Cabral. [1]

D'este deposito apenas sáe agua para os chafarizes do Rato, da rua do Arco, da praça das Flores, da Esperança e do caes do Tojo. Para os da Cotovia, rua Formosa, S. Pedro de Alcantara, Carmo e Thesouro Velho, desce por um dos pégões do arco das Amoreiras, e vae por baixo da rua até á mãe d'agua do Rato, e depois por aqueductos até aos ditos chafarizes. Se este reservatorio fornecesse agua para os dez chafarizes que ficam mencionados, ficaria despejado em seis dias. [1]

Este magnifico repositorio esteve por acabar de 1738 até 1834!

Em 1822 pediu a direcção das Aguas-livres ás cortes que mandassem concluir esta obra, em que já se havia gastado perto de um milhão de cruzados. Não houve resolução. Em 1824 fez-se o orçamento para a concluir, calculado em 8:153$000 réis, e se mandou executar por aviso de 26 de junho do mesmo anno. Tambem não se chegou a cumprir. Finalmente, pouco depois da restauração de 1833, indo o imperador D. Pedro iv ver aquelle monumento, ordenou que se acabasse, expedindo-se pelo ministerio competente uma portaria datada de 13 de agosto d'aquelle anno, ao administrador da repartição das aguas, o fallecido visconde de Villarinho de S. Romão.

Importaram as obras do acabamento d'este reservatorio em 13:732$095 réis.

Todos os estrangeiros que vem a Lisboa ficam maravilhados de ver tão grandioso edificio.

[1] Vid. *Memoria sobre o tanque e torre pertencente ás Aguas-livres*, no t. ii das da Academia.

[1] *Memoria* do sr. J. Sergio Velloso d'Andrade.

CHRONICAS DO POVO

II

O SERVO

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

(Vid. pag. 386)

VI

Eis-aqui a carta que João escrevia ao velho Thomaz:

«Querido e respeitavel pae.

«Haveis de estar, de certo, a estas horas com muito cuidado em mim, principalmente se vos tiver chegado a noticia da minha fuga de casa de mestre Lourenço. É provavel que vol-a tenham contado como nova prova da minha indocilidade; mas se fugi, meu pae, foi para evitar desgraça maior. O mercador esquecia-se de que eu era um homem resgatado, como elle, com o sangue de Christo, e queria tratar-me como me tratou o intendente de Rillé. Deixei-o, para não levantar a mão contra aquelle em cuja casa tinha matado a fome.

«Não me accuseis. Catharina, que vos ha de ler esta carta, bem sabe porque é que eu não posso soffrer pancadas: as pancadas são para os animaes, que não aprendem de outra fórma: os homens que se sujeitam a recebel-as descem á condição de animaes. Para a creatura que pensa, o unico estimulo deve ser a palavra, o incentivo unico, o dever.

«Estou hoje em Paris. Esta palavra só, deve dizervos muito, mas de certo não vos diz a centesima parte do que significa.

«Paris é uma cidade onde as casas estão amontoadas como as pedras na pedreira, onde os palacios, as cathedraes e os castellos fortificados estão em tanta quantidade como as papoilas em campos de trigo. Ha como que duas cidades separadas pelo Sena: de um lado anda tudo vestido de negro. Tudo falla, tudo gesticula, tudo estuda; é o bairro das escholas. Do outro estão os trajos deslumbrantes, os gorros multicôres, as liteiras e os cavallos. É o bairro da nobreza e da burguezia.

«Apesar de ser uma cidade toda empedrada, só os pobres é que andam por ella a pé. Os negociantes tratam dos seus negocios a cavallo; os medicos visitam os seus doentes a cavallo. Só os conselheiros vão para o tribunal em machos. Ha carretas immensas, mas fazem pouco ruido, porque unicamente as que transportam viveres é que podem trazer as rodas guarnecidas de ferro.

«Ainda assim, á força de imaginação, podeis fazer idéa do que é Paris de dia; mas quando vale principalmente a pena ver-se é de noite, com milhares de lanternas accesas diante dos nichos dos santos, com bandos de soldados correndo as ruas, e com o Sena a murmurar surdamente debaixo das pontes. E d'ahi á meia noite tocam todos os sinos ao mesmo tempo; accendem-se os cirios nas egrejas, acodem os padres, rebôa o orgão, e parece que se ouvem os anjos cantar no ceo. Depois socega tudo até á hora de matinas; recomeçam os toques, chegam os bedeis, os meninos do côro, começam as missas. Os padres vão para os cemiterios rezar ao clarão das tochas, de sepultura em sepultura, pelo repouso dos que falleceram; em breve ráia o dia, e o ruido da cidade que desperta submerge todos os rumores.

— Vi hontem jantar o rei. Compunha-se o banquete de peças de caça, de ovos, de carne de porco, e de muitas pastelarias a que não sei o nome. Mas o que mettia mais cobiça de ver eram as sobremesas. Um burguez que estava ao pé de mim, disse-me o nome de todas as iguarias. Havia doces de todas as qualidades. De cada vez que o rei levava o copo á boca gritava um bedel:

— El-rei bebe.

— E os assistentes bradavam: Viva el-rei!

— O mesmo burguez, que me ensinára o nome das iguarias, me disse, que o serviço da mesa occupava duzentas pessoas, pelo menos. Na corte ha cinco refeições por dia, qual mais opulenta.

Mas para que hei de eu entrar n'estes pormenores todos, se os não podeis presenciar na minha companhia? Porque vos não hei de eu ter commigo e com Catharina, que tanto desejava levar a estas feiras a comprar todos os atavios que constituem o vestuario da mulher!

Pobre Catharina! Quem sabe quando a tornarei a ver. Bem tarde talvez, porque estou resolvido a seguir aqui todos os estudos e a tomar os competentes graus.

Aconteça o que acontecer, não lhe recommendo que pense em mim; o coração de Catharina não esquece. As affeições, que ahi amadurecem, não podem sair mais. Continue ella a amar-me como eu a amo, por que é por ella, e por vós, meu pae, que trabalho e que vivo.

Adeus, meu pae, pensae em mim nas vossas orações, e tende cuidado em não dizer onde paro. O senhor conde sería capaz de me mandar prender aqui mesmo, e de levar-me para os seus dominios, a que pertenço como as proprias arvores que n'elles crescem.

Possa Deus tomar-vos sob a sua divina misericordia, e a mim comvosco.

João.

Apenas esta carta foi escripta e seguiu o seu destino, João ficou mais socegado, e deu-se pressa em dirigir-se aos logares onde se leccionava, levando, como todos os estudantes, os livros n'uma das mãos, e na outra um feixe de palha para se sentar. Apenas porém quiz tomar assento, pediram-lhe a cedula, por meio da qual seu senhor o auctorisava a seguir o curso da universidade de Paris. João ficou mudo e cheio de confusão.

— Nenhum servo póde entrar nas escholas sem licença do seu senhor, disse-lhe o fiscal encarregado de matricular os estudantes.

— Por conseguinte não basta que sejam senhores do nosso corpo, murmurou João, cumpre que tambem o sejam da nossa intelligencia!

E retirou-se com o coração cheio de amargura.

Uma demora mais prolongada em Paris tornava-se-lhe inutil. Já deliberava comsigo se devia voltar á sua aldeia, acontecesse-lhe fosse o que fosse, quando uma noite as portas da cidade se fecharam com grande alarma; todas as luzes que ardiam nas ruas, defronte dos nichos dos santos, foram apagadas, e deu-se ordem aos habitantes para conservarem diante das portas um balde de agua e uma vela accesa. Os inglezes vinham pelo rio acima para atacar Paris. De manhã cedo avistaram-se as fogueiras dos postos avançados, e d'ahi a pouco o centro do exercito appareceu, e acampou nas duas margens do rio.

Entretanto todos os homens de guerra, que estavam na cidade, se tinham armado, os proprios burguezes acudiam com grandes alaridos. Levaram para as muralhas pedras para atirar aos sitiantes, e saccos de terra para livrar das suas settas.

Pouco a pouco o primeiro terror cedeu o logar á confiança, e em seguida ao desprezo. Entendeu-se que se deviam anticipar ao inimigo, indo atacal-o mesmo ao campo; reuniram-se os homens de armas, os burguezes mais decididos fizeram corpo com elles, e abriram uma das portas, para poderem marchar contra os inglezes.

João, que tinha achado uma alabarda perdida no motim, seguiu a tropa.

Em pouco tempo chegaram perto do inimigo, que os tinha visto, e que se preparava para os receber. Os archeiros inglezes marcharam primeiro contra o troço dos burguezes, que ia mais na frente; mas, contra toda a expectativa, estes resistiram, e apesar de caírem muitos por terra foram aproximando-se sempre dos arraiaes contrarios.

Os homens de armas, vendo isto, não se quizeram mostrar menos aguerridos e carregaram o inimigo a toda a brida; mas, ou porque calculassem mal o espaço, ou por qualquer outro motivo, foram caír para cima dos burguezes, que empurraram de encontro aos archeiros. D'aqui proveiu confusão, da qual estes ultimos se aproveitaram, e que ainda mais cresceu com a chegada da cavallaria ingleza.

Entretanto os homens de armas que tinham compromettido o resultado por imperícia ou malquerença, faziam todas as diligencias para compensarem o seu erro por meio da bravura. Levado no tropel, João tinha sido prostrado umas poucas de vezes, e outras tantas se tinha levantado mais enfurecido no combate. Acabava de escapar á frecha de um archeiro, quando se achou frente a frente com um cavalleiro inglez que levantou a espada para o acutilar; mas o rapaz não lhe deu tempo, enterrou-lhe a alabarda no falso da coiraça. O cavalleiro caíu, o servo levantou a espada, agarrou nas redeas do cavallo, saltou-lhe para a sella e precipitou-se de novo no combate.

Até então conservára-se o resultado duvidoso; mas a chegada de um reforço, que acudiu da cidade, determinou a fugida dos inglezes.

João perseguiu-os algum tempo em companhia dos homens de armas, que não tinham perdido os cavallos; mas finalmente chegou a noite, e vendo-se quasi só, voltou para Paris.

Vinha seguindo a passo pelos campos fóra, quando alguns gemidos abafados lhe chegaram aos ouvidos. Apeando-se immediatamente, e dirigindo-se para o logar d'onde pareciam vir aquelles queixumes, encontrou um cavalleiro estendido em terra e sem se poder mexer. Levantou-o a custo, desafivelou-lhe a armadura, e conseguiu fazel-o recobrar os sentidos.

O cavalleiro fez-lhe então saber que tendo querido perseguir os inimigos, apesar de se achar ferido, tinham-lhe faltado as forças a meio do caminho, e por isso caíra por terra desmaiado. Julgando que o servo era homem de armas, pediu-lhe, que lhe cedesse o cavallo, ensinando-lhe a casa onde morava em Paris, e deixando-lhe uma espora de oiro como penhor. O moço rejeitou o penhor, mas deu-lhe o cavallo, dizendo-lhe que o iria reclamar, e o nobre partiu para a cidade.

O ensaio que acabava de fazer, mostrava ao joven servo que não lhe faltava coragem; e o bom resultado tinha-lhe deixado uma exaltação orgulhosa, que lhe pareceu tão agradavel como nova. Amava aquella especie de eguaidade que o combate estabelece entre todos os combatentes, a terrivel liberdade, que todos tem, as commoções successivas de terror, de alegria ou de audacia. É d'ahi n'uma sociedade, onde a força tinha sempre o direito por seu lado, não devia ser o homem de guerra o mais independente e o mais feliz? Estas idéas fermentaram-lhe no espirito toda a noite.

No dia seguinte, quando se apresentou em casa do cavalleiro, perguntou-lhe este o que desejava em paga do serviço que lhe tinha prestado.

— Sentar praça entre os homens de armas do rei, disse João.

— És servo ou homem livre? perguntou-lhe o fidalgo.

— Servo, meu senhor.

— Então é impossivel o que pedes; o servo deve o sangue ao seu senhor, e por conseguinte não póde dispor d'elle, sem que esteja devidamente auctorisado.

— Sempre, disse o pobre servo, quando deixou o cavalleiro, sempre o mesmo obstaculo! É impossivel escapar a este vicio de nascença que me marca na fronte como a Caim. É muito esperar. Quebremos esta cadeia, seja como for.

E n'essa mesma noite saía de Paris montado no seu cavallo de batalha.

Atravessou a floresta de Boudi, cheia de carvoeiros e tanoeiros, e quando ia a deixal-a encontrou um bando de creaturas guiadas por um cura, que iam caminhando em dois carros puxados a burros. Eram membros da confraria da Paixão, que percorriam a França representando *mysterios*. João travou conversação com o cura a quem contou parte das suas desventuras.

Este que olhava para o cavallo do rapaz com olhos de cobiça, propoz-lhe immediatamente que entrasse para a companhia. O papel de *peccado mortal* no auto do *bom e mau fim* estava exactamente n'essa occasião por preencher. Asseverou-lhe que os membros da confraria da Paixão, além de praticarem uma obra agradavel a Deus, representando os *mysterios*, viviam com tanta liberdade, e com taes commodos, que não havia profissão alguma que se parecesse com a d'elles. João ficou persuadido, tomou logar n'um dos carros, ao qual deixou prender o cavallo, e continuou o seu caminho em companhia dos farcistas.

Desgraçadamente porém as promessas do padre eram como as peças que representavam: *Sonitus et vacuum, sed preterea nihil*. Não tardou muito que o servo percebesse o merecido desprezo que os seguia por toda a parte. N'aquella epocha de renovação, a necessidade de mudança e de aventuras, tinha feito sair de casa todos aquelles a quem a classificação rigorosa do feudalismo se tornára insupportavel, e assim se tinham formado as companhias de soldados que cobriam a França, os ranchos de peregrinos que se encontravam pelas estradas, e por ultimo as caravanas de comediantes, que, sob differentes denominações, começavam a explorar as povoações mais pequenas do reino. A de João era um aggregado de escreventes individados, de estudantes compromettidos, de bancarroteiros fugidos, que, se fosse necessario, constituiriam um troço de bandidos. O cura que os dirigia tomára tambem aquelle rumo, para poder com mais liberdade entregar-se aos desvarios d'aquelle viver de bohemios.

No fim de um mez, as receitas fracas, as despezas da jornada e as orgias, tinham esgotado os recursos da companhia. Os carros e cavalgaduras foram aprehendidos por um estalajadeiro de Troyes, em pagamento do que lhes deviam. O pobre moço procurou debalde reclamar o seu cavallo, allegando que não pertencia á companhia; o estalajadeiro não lhe deu satisfações.

Voltou-se para o cura director, e ameaçou-o com os tribunaes; este, porém, fez-lhe lembrar que não podia deixar de dizer o seu nome, estado e profissão aos juizes com quem tratasse, comprehendendo que, n'esse caso, fal-o-hiam recolher aos dominios de seu senhor. João desistiu do processo.

Mas, por felicidade, no mesmo dia, um viajante que estava na estalagem dera pelo rapaz, presenceára as suas angustiósas circumstancias, e resolvêra fallar-lhe.

— Sou livreiro, disse-lhe, e occupo mais de cincoenta copistas na escripta dos meus livros; porque, apesar da arte nova vinda da Allemanha, as pessoas de certa ordem, e os fidalgos da corte, preferem um manuscripto a um impresso; n'estes mesmos é preciso traçar arabescos e enfeites para as letras capitaes e para os frontispicios. Bem sei que manejaes a penna com destreza, pois tive occasião de examinar os cartazes dos espectaculos. Segui-me, e ganhareis tanto quanto ganham os vossos companheiros, isto é,

o bastante para viver como um christão; reflexionae sobre o assumpto, e ámanhã me direis o que tiverdes resolvido.

Na manhã do dia seguinte seguia João o seu novo senhor pela estrada de Besançon.

VII

Tinha decorrido mais de um anno depois dos acontecimentos narrados no capitulo precedente. O senhor conde Raul estava de pé na sala grande do castello, ouvindo com impaciencia a leitura que lhe estava fazendo o intendente de uma escriptura em pergaminho.

— N'uma palavra, disse elle interrompendo-o repentinamente, a venda está concluida, não é assim?

— Concluida, meu senhor.

— E cedo ao duque de Vaujour uma das melhores porções do meu dominio, com todos os servos que a constituem?

— Os procuradores do senhor duque não devem tardar para virem tomar posse d'elles hoje mesmo; muitas familias se acham já no pateo do castello.

— Não as quero ver, disse Raul; incommodam-me as suas lamentações. Pobre gente! Vou entregal-os a um animal feroz; porque o duque não é homem; mas essa tal expedição á Terra Santa arruinou a nossa familia; vendi quanto tinha para vender antes de tocar no senhorio; mas não tive remedio senão resolver-me! Que o leve a breca! Não pensemos mais n'isso. Tratarás de fazer a entrega de tudo; e toma cuidado com o novo senhor, não vá elle entrando pelos dominios que ainda me restam, porque bem sabes que um senhorio roto é como um panno rasgado, o rasgão cada vez cresce mais.

N'esta occasião abriu um criado a porta.

— O que é? — perguntou o conde voltando-se.

— Um traficante, que está lá fóra, deseja fallar ao sr. conde.

— Um traficante!... Que Satanaz o estrafegue. Naturalmente vem reclamar a importancia de alguma conta.

— Permitta-me, sr. conde, que lhe diga, que não é provavel, porque é um vendilhão ambulante.

— O que vende?

— Manuscriptos.

— Póde seguir seu caminho, não quero por agora coisas d'essas.

— Pretende fallar ao sr. conde em negocio estranho ao seu commercio, e que, segundo diz, póde ser proveitoso ao sr. conde.

— Vamos lá, querem ver que é algum judeu que vem emprestar-me dinheiro a sessenta por cento! Manda-o entrar.

O criado saíu para tornar a entrar em breve, em companhia de um rapaz de côr trigueira, com as botas muito cheias de poeira, e com a trouxa de bufarinheiro ás costas.

Á vista do conde descarapuçou-se, e conservou-se de pé a alguns passos de distancia, esperando que o conde lhe dirigisse a palavra.

— É commigo que queres tratar, perguntou-lhe este com enfado.

— Sim, sr. conde, respondeu o bufarinheiro.

O som d'esta voz produziu grande impressão no intendente, que levantou a cabeça.

— Assim Deus me salve, exclamou, como esta falla não é de estranho.

E aproximando-se do traficante, ficou immovel e estupefacto.

— O que é isso agora? perguntou o conde.

— Tão verdade como eu ser christão, não me engano, replicou o intendente, este bufarinheiro...

— O que é?

— É um servo do sr. conde.

— Meu?

— É aquelle João que fugiu ha uns poucos de annos.

— Pois será possivel?

— É, sr. conde, é possivel, disse o traficante.

— E atreves-te a apparecer n'este palacio, proseguiu o intendente, não sabes que o sr. conde te póde mandar açoitar diante da porta principal?

João deitou um olhar de desprezo para o intendente.

— O sr. conde tem todo o poder nos servos dos seus dominios, replicou elle friamente, mas não n'aquelles que adquiriram o direito de burguezia n'uma cidade livre.

— Que queres tu dizer com o teu direito de burguezia, disse Raul interrompendo; obtiveste porventura a tua emancipação das minhas mãos?

— Não, sr. conde, mas obtive-a dos foraes.

— Que?

— Aqui está um attestado em que se prova que habitei por anno e dia em Besançon.

— Em Besançon, repetiu o intendente agarrando no pergaminho do rapaz.

— E então! Que me importa a mim com isso? — replicou Raul.

— O sr. conde de certo que não ignora que a residencia em certas cidades emancipa.

— Será verdade?

— É mais que verdade, murmurou o intendente.

— Com que então este velhaco libertou-se sem o meu consentimento.

— Livre da servidão, fez-lhe observar o intendente, mas não deixa de ser vassallo do sr. conde, sujeito á homenagem, e obrigado a servil-o contra quem quer que for, á excepção do rei.

— É para isso me promptifico, affirmou João.

— Que leve a breca o rustico, exclamou Raul batendo com o pé no chão. Quem é que permittiu que a residencia n'uma cidade podesse assim contrariar os nossos direitos? Santo Deus! Estas communas de burguezes hão de acabar por se converterem em logares de asylo dos nossos servos todos.

Voltando-se depois para João:

— E tu, velhaco, vieste para me incitar?

— Longe de mim tal pensamento, sr. conde.

— Então o que vieste cá fazer?

— O sr. conde tem nos seus dominios um velho e uma rapariga, que vivem ambos na servidão. O velho é meu pae, e a rapariga deve ser minha esposa.

— E d'ahi?

— Queria comprar-lhes a emancipação.

— E eu não t'a quero vender. Veremos se esses a obtem contra a minha vontade.

— O sr. conde não ha de querer vingar-se tão duramente, exclamou João, não me ha de recusar.

— Recuso.

— Mas lembre-se, sr conde.

— Lembro-me de que teu pae e tua noiva estão em meu poder, e que hão de assim ficar. Por todos os santos do ceo, uma vez ao menos hei de fazer a minha vontade.

— De mais a mais o sr. conde já dispoz do velho Thomaz e de Catharina, objectou o intendente com um sorriso de mau.

— Como?

— Entram nas familias que vão pertencer ao sr. duque de Vaujour.

— Pois é possivel? — exclamou João.

— É, disse Raul; vendi-lhe tres povoações com todos os servos, e não lhe pódes tirar das mãos nem velho nem rapariga, porque elle jurou que não havia de consentir nunca em emancipação alguma.

João estremeceu e fez-se pallido. Sabia que o duque de Vaujour era um d'aquelles doidos sanguinarios, que se comprazem com as desgraças e padecimentos dos outros. Contavam-se historias incriveis a respeito da sua crueldade; a maior parte dos seus

servos tinham morrido de miseria ou tinham-lhe fugido; as terras tinham deixado de receber amanho, e as povoações do senhorio caíam-lhe em ruinas. Só a idéa de que seu pae e Catharina iam para o poder de similhante monstro causou-lhe verdadeiro terror.

— Estou prompto a sujeitar-me a todas as condições que aprouverem ao sr. conde, disse-lhe elle; mas, em nome de Deus, não entregue os que amo ao sr. duque.

— O sr. conde não póde deixar de fazer esta venda, disse, interrompendo, o intendente, que receiava que Raul se deixasse commover pelas supplicas do mancebo.

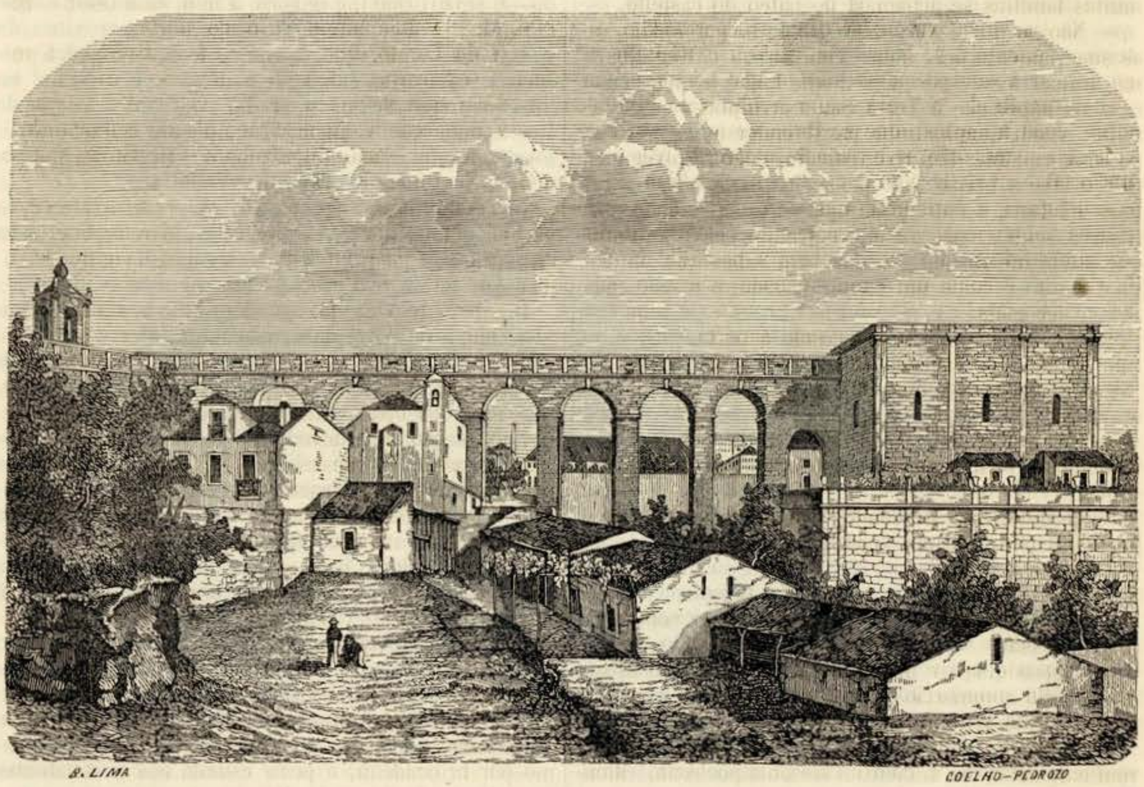
— Em compensação entregar-lhe-hei tudo quanto possuo.

— Devéras? disse o conde. Ora sempre tinha curiosidade de saber quanto tem de seu um maroto como tu.

— Posso dispor de doze escudos antigos, replicou rapidamente o joven, despejando quanto dinheiro trazia n'uma bolsa de coiro.

— É muito pouco, disse o intendente com sequidão.

— Infelizmente não tenho mais que dar, disse João, mas, além d'isto, tomem conta dos meus manuscriptos todos. Veja o sr. conde; aqui estão uns breviarios escriptos a tres côres, uns missaes ornados com maiusculas doiradas, umas copias de Horacio e da logica de Aristoteles, o que aqui está vale vinte escudos pelo menos. Não será bastante para pagar a emancipação de um pobre velho e de uma rapariga? Peço-vol-o por quanto ha mais de sagrado n'este mundo, não m'o negueis. Não haveis de querer vingar-vos de mim, sr. conde, sois muito poderoso, eu sou muito fraco. Bem sabeis que se não póde viver em terras de Vaujour. Mandar para lá meu pae e Catharina é mandal-os para o supplicio. Haveis de ter compaixão d'elles.



Vista exterior do reservatorio das Aguas-livres — Desenho de Barbosa Lima — Pag. 393

Em nome do que mais tendes amado n'este mundo, sr. conde, piedade para elles, piedade!

João tinha caído aos pés do conde. O intendente percebeu que este estava commovido, e chamou-o de parte.

— Lembre-se o sr. conde de que, se entram a imitar o exemplo de João, ficam os dominios sem cultivadores.

— De certo que sim, disse Raul, mas perturbou-me a dor do pobre rapaz.

— Retire-se o sr. conde, e deixe-o commigo, que eu o despeço.

— Mas os doze escudos e os livros?

— Eu os apanharei, sr. conde.

— Com certeza?

— Com toda a certeza, e o João levará o castigo, que é indispensavel para exemplo.

— Pois bem; arranja isso o melhor que podéres, disse Raul.

E voltando-se para o bufarinheiro, que durante este tempo todo se conservára de joelhos e com as mãos erguidas:

— Não faço contratos com um servo rebelde, disse elle, apresenta as tuas propostas ao meu intendente.

E saiu da sala.

João viu-o sair, depois levantou-se lentamente, os seus olhos encontraram os do intendente, estremeceu sem querer.

— Estou á mercê da vossa vontade, disse com entoação desalentada, que poderei esperar?

— Esses doze escudos e esses livros são realmente tudo quanto possues?

— Tudo. Juro-o pela minha salvação.

— Então escolhe entre teu pae e Catharina.

— Que quereis dizer?

— Que só pódes resgatar um d'elles.

João recuou. Em todas as suas previsões não entrára nunca prova de similhante natureza. Ficou aturdido.

O intendente olhou para elle com alegria mal dissimulada.

— Então? Entendeste o que eu te disse? — perguntou por fim.

— É impossivel, balbuciou João, não podeis exigir uma tal escolha.

— Então partem ambos para Vaujour, é o que se segue, respondeu Moreau com indifferença.

— Não, exclamou o joven, ficam ambos; peço-vol-o encarecidamente! Se o valor que vos posso dar agora não chega, comprometto a minha palavra por egual quantia.

O intendente encolheu os hombros.

— Não faço contas com palavras, disse com desabrimento. Escolhe e apressa-te, se não queres que depois não seja tempo.

Abriu a janella, e João viu o pateo cheio de homens, de mulheres, de crianças e de velhos, a quem um escrevente ia tomando os nomes. Todos soltavam gemidos surdos, e erguiam para o ceo os olhos banhados em lagrimas.

— São os servos que pertencem ás terras vendidas, disse Moreau: d'aqui a pouco o intendente do sr. duque de Vaujour leval-os-ha comsigo, e então já não terás que escolher; decide-te, pois, se não queres perder, sem remissão alguma, teu pae e a tua prima.

A situação do pobre rapaz era horrivel. Dividido entre duas affeições, que se tinha costumado a considerar eguaes, não se atrevia a interrogar o seu coração. Salvar Catharina era salvar, por assim dizer, o seu futuro, e assegurar a realisação das suas esperanças todas; mas salvar seu pae era pagar a divida de reconhecimento que lhe legára o passado. De ambos os lados eram os perigos eguaes; por isso, desorientado e ancioso, não ousava pronunciar uma sentença que lhe havia de fazer faltar a um dever, ou que lhe anniquilaria a felicidade. Caíra de joelhos proximo da janella, com as mãos postas, pedindo a Deus que o inspirasse; e não podendo achar em si força necessaria para uma decisão qualquer, quando Catharina, a quem elle não víra, saíu rapidamente da multidão. Vendo-a tão formosa e tão perdida, João não pôde resistir mais tempo. Levantou-se de um pulo, e ia debruçar-se da janella para a chamar, quando appareceu um velhinho arrastando-se com difficuldade, e conduzido por uma criança. João reconheceu a seu pae, e a palavra que ia proferir ficou interrompida, e como suspensa dos labios. Lembrou-se então dos carinhos com que o velho o tratára, da ternura com que sempre lhe quizera; todas as recordações da mocidade resuscitaram para acompanharem o velho. Cheio de respeito e de piedoso reconhecimento, sentiu abrir-se-lhe o coração, e com a cabeça descoberta, estendeu os braços chorando:

— Meu pae, exclamou elle, restitui-me meu pae, e Deus tenha compaixão de mim!

(Continúa)

RUA DO ALECRIM E ARCO DE S. PAULO

(Conclusão. Vid. pag. 379)

Pelo lado occidental é que se foi orlando de casas a rua Alecrim, pois que por todo o lado do oriente era terreno montuoso, coroado pelo lanço da muralha da cidade, que corria desde a torre que defendia a *porta de Santa Catharina*, até outra torre que servia de defesa á *porta do Duque de Bragança*, e que formava o angulo da dita muralha na sua volta para o Ferregial e Corpo Santo.

Esta segunda torre ficava por cima do logar presentemente occupado com um predio, que se compõe só de lojas, que servem de officina de canteiro, na rua do Ferregial de Baixo, da parte do norte.

Nos tempos a que nos referimos acabava a rua do Alecrim junto d'esta torre, communicando-se ahi pela porta do duque de Bragança com a rua da *Cordoaria Nova*, chamada rua do Thesouro Velho depois que, pela elevação de D. João IV ao throno, ficou o palacio dos duques de Bragança em Lisboa servindo de thesouro da casa real. Para a parte do sul fazia o terreno uma grande quebrada, por onde se descia a custo para a praia; e para oeste ou occidente foram-se abrindo e povoando algumas travéssas, que davam serventia primeiramente para o arrabalde, e depois para as tercenas de *Cata-que-farás*, para a rua das Flores e outras.

O nome de rua do Alecrim proveiu de uma ermida dedicada a Nossa Senhora do Alecrim, que ahi fundou, em 1641, uma senhora viuva, de nobre familia, chamada D. Anna de Vilhena.

Estava situada esta ermida junto da *porta de Santa Catharina*, e esta porta occupava o fundo de um largo pouco espaçoso, ao presente denominado das *Duas Egrejas*, no sitio onde começa a descer a rua das Portas de Santa Catharina. O largo era então guarnecido, da parte do norte e do sul, por dois lanços da muralha, que iam formar dois angulos: o do norte, proximo da egreja do Loreto, que ficava de fóra, e do qual proseguia o muro ao largo de S. Roque; e o do sul no logar em que vemos o predio contiguo á egreja de Nossa Senhora da Encarnação, d'onde o muro continuava, separando as ditas ruas do Alecrim e da Cordoaria Nova, depois Thesouro Velho.

Não será fóra de proposito, pois que tratámos da etymologia do nome d'aquella rua, dar tambem uma noticia breve da origem da invocação da ermida.

Refere a lenda o successo do seguinte modo:

D. Anna de Vilhena, que fôra casada com Christovão Soares de Albergaria, desembargador da casa da supplicação, fallecido no dia da revolução de 1640, tinha no seu oratorio uma imagem de Nossa Senhora, que venerava com particular devoção.

Reconhecendo-se devedora á santa imagem de muitos favores, resolveu edificar-lhe uma ermida, onde o povo podesse ir livremente prestar-lhe culto e adoração. Para este fim fazia-se necessario que a Senhora tivesse uma invocação qualquer, pela qual fosse conhecida dos fieis. E D. Anna de Vilhena achava-se muito irresoluta na escolha do nome que devia pôr á imagem.

Residindo então em uma quinta, que possuia junto á egreja de Nossa Senhora dos Olivaes, e estando em oração n'este templo a pedir á Virgem que a inspirasse n'aquella escolha, succedeu que um seu filho de poucos annos, que a acompanhava, principiou, como por brincadeira, a pedir esmola aos circunstantes para *Nossa Senhora do Alecrim*.

D. Anna, julgando ver na coincidencia d'este caso com as suas orações, manifestamente expressada a vontade da mãe de Deus, adoptou aquelle titulo para a sua ermida, sem mais hesitar.

A egreja parochial de Nossa Senhora da Encarnação foi o primeiro edificio que se construiu no lado oriental da rua do Alecrim. Esta parochia foi instituida em 1551 na egreja de Nossa Senhora do Loreto, com accordo dos italianos. Incendiando-se este templo no dia 29 de março de 1651, passou aquella parochia para a ermida de Nossa Senhora do Alecrim, onde se conservou até 1676, em que voltou para o Loreto, já reedificado.

Por motivo de desintelligencia entre os italianos e o cabido da sé, sobre o padroado da dita parochia, foi esta transferida pela segunda vez para a ermida de Nossa Senhora do Alecrim, no anno de 1679.

Passados dezenove annos resolveu a condessa de Pontevel, D. Elvira Maria de Vilhena, edificar, á sua custa, um templo a Nossa Senhora da Encarnação. Deu-se principio á obra no sitio fronteiro á egreja do Loreto, lançando a primeira pedra o cardeal arcebispo

de Lisboa, D. Luiz de Sousa, no dia 4 de junho de 1698.

Concluiu-se o templo em 1708, mas em 1755 foi arruinado pelo terremoto, e mais ainda pelo incendio que se seguiu immediatamente. Este cataclismo destruiu, com uma grande parte da cidade, toda a rua do Alecrim, que, na reedificação de Lisboa, resurgiu muito mais bella, correndo até á *praça dos Romulares*, que o Tejo banha, e guarnecendo-se, pouco a pouco, com mais nobres edificios, entre os quaes avulta o palacio do sr. conde de Farrobo, construido nos fins do seculo passado por seu pae, o 1.º barão de Quintella.

Mas para que a rua do Alecrim descesse até á margem do Tejo, e obtivesse assim uma formosa entrada, foi preciso ao architecto da nova Lisboa, Engenio dos Santos de Carvalho, vencer a não pequena difficuldade que lhe apresentava o terreno, na quebrada a que acima alludimos.

Aquelle insigne architecto, que tanta honra faz ao nosso paiz, venceu esse obstaculo, projectando e executando, para passagem da rua do Alecrim sobre a de S. Paulo, a excellente ponte conhecida pelo nome de *Arco de S. Paulo*, e representada na nossa gravura. [1] A necessidade de fazer achatada a volta do arco e obliqua toda a ponte, são circunstancias que, reunidas á solidez e a certa elegancia, dão-lhe jus a ser considerada uma obra de primor de arte.

Pouco mais abaixo d'este arco tem a ponte outro, menos alto, que dá passagem á rua do Carvalho.

A gradaria que guarnece os lados da ponte, foi alli collocada modernamente. Em seu logar via-se antes um muro peitoril de pedra.

A egreja, que na gravura se vê por baixo do arco, é a parochia de S. Paulo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

PRIMEIRA EMBAIXADA DO JAPÃO Á EUROPA

(Vid. pag. 373)

IX

No colloquio XXVI descreve o P. Sande a apparatosa cavalgata com que o novo pontifice fez a sua entrada solemne na basilica de S. João de Latrão, indo no cortejo, em logar distincto, os japões. Despedidos do santo padre, partiram de Roma os embaixadores japonezes em 5 de julho de 1585, caminho da cidade do Loreto.

No colloquio XXVII segue a descripção da jornada por differentes cidades de Italia até Veneza, onde o senado fez grandes honras aos japonezes.

No colloquio XXIX continúa a narrativa da viagem até Milão, e no XXX prosegue até ao embarque da embaixada em 6 de agosto no porto de Genova, nas naus que a deviam conduzir a Hespanha. A 16 chegaram os japões a Barcelona, onde se demoraram até ao dia 9 de setembro, partindo para Monsan, cidade do reino de Aragão, onde Filippe II tinha juntado as cortes para compor alguns negocios de estado, e reconhecer o herdeiro do throno. Alli foram recebidos por el-rei, com honras eguaes ás que lhe tinha feito antes. Havida a licença d'el-rei, dirigiram-se a Portugal por Saragoça. Em Madrid visitaram a imperatriz viuva, e pouco se demoraram. Entrando em Portugal, foram a Villa-Viçosa, onde a benevolencia do duque de Bragança os deteve com distracções por quatro dias. D'alli foram a Evora, e passaram a Setubal, hospedando-se na quinta de Val-de-Rosas que ahi proximo tinham os padres da Companhia.

Uma galeota mandada pelo cardeal Alberto, regente do reino, foi receber os embaixadores da banda d'além do Tejo e os trouxe a Lisboa.

X

Restituidos á corte de Portugal, d'este reino que os regenerára com as aguas baptismaes, foram descançar das fadigas da peregrinação de Roma na casa de S. Roque. Visitaram logo o cardeal governador, o que repetiram mais vezes, experimentando de novo os effeitos da real grandeza no donativo de mil e quinhentos cruzados, além do preciso para a viagem, e de algumas vestimentas riquissimas de lhama de oiro. Os collegiaes de S. Antão celebraram a sua vinda e as coisas do Japão com varias academias, e representações apparatosas que muito agradaram aos embaixadores.

E como a navegação para a India só podia effeituar-se em março de 1586, pareceu-lhes asada a detença para satisfazer ás repetidas instancias dos padres do collegio de Coimbra, que desejavam vêl-os. Não era menor a vontade dos japões de ver com os proprios olhos aquelle collegio cuja celebridade tinha chegado até á sua terra natal, por meio dos muitos missionarios n'elle educados que tinham ido feitorisar entre os seus conterraneos a vinha do Senhor, ou d'elle fallavam como do mais antigo e mais afamado da Companhia, ao qual todo o Oriente e o Japão era devedor de grandes beneficios.

Partiram pois muito contentes para aquella cidade pelo Tejo acima por Santarem, onde se demoraram alguns dias e admiraram a multidão de seus habitantes, as suas magnificas egrejas e conventos, quasi todos reduzidos hoje a um montão de ruinas pelo camartello das alterações politicas, tão deploradas por todos os amadores das artes e das antiguidades patrias. Falla o auctor aqui tambem do santo Milagre e do Santo Christo da egreja da Piedade e tumulo de Santa Iria. De Santarem partiram para Thomar, cujo convento e egreja da ordem de Christo os encheu de assombro, por sua magnificencia em obras de arte, e riqueza, que bem mostravam a real grandeza dos seus fundadores. Seguiram d'alli para Coimbra, onde lhes saíram ao encontro D. João de Bragança, filho do conde de Tentugal, o governador e magistrados da cidade, seguidos de muitos cavalheiros, que os acompanharam ao collegio das artes. A sua chegada foi celebrada na sala dos actos por uma elegantissima oração latina de louvor dos principes que os tinham enviado á Europa, acabada a qual houve um concerto de muitos instrumentos, recebendo por ultimo as congratulações dos assistentes.

Passa depois o auctor ao colloquio XXXI, em que descreve a cidade de Coimbra, a sua universidade e o collegio dos jesuitas. Depois de pintar com leves toques a historia d'esta antiga corte de nossos reis, trata, em primeiro logar, da egreja e convento de Santa Cruz dos conegos regrantes, cuja magnificencia compara com a dos mais sumptuosos descriptos no discurso d'este Diario, assim por sua magestosa traça e lavores primorosos em pedra, talha e retabulos, como por sua vastidão, ricas alfaias, grossas rendas e preciosas reliquias. Falla depois dos outros conventos, e entre estes do de Santa Clara, em que se venera o corpo de Santa Isabel, e do sumptuosissimo templo da sé, hoje chamado a sé velha, que foi edificado, segundo reza a fama, por el-rei D. Affonso Henriques. Nota especialmente n'este edificio o auctor a magnificencia da obra, as suas engenhosas paredes, as duas portas da entrada e seus vestibulos, e o magestoso e elevado tecto, o numero e riqueza do seu cabido, e as grossas rendas do seu bispo, que excediam as de todos os outros do reino. Não se esqueceu de fallar tambem dos collegios que alli tinham

[1] Vid. pag. 381.

as diversas ordens religiosas, edificados na rua da Sophia, a melhor da cidade. Descreve a magnifica ponte que atravessa o rio Mondego, e cuja largura e extensão não sabe se deve elogiar com preferencia á sua altura, bellos arcos e boa construcção, e commemora a fortaleza com suas muitas torres, sobresaindo a todas a de Hercules, de fórma octangula, e finalmente os magestosos paços da universidade, com suas espaçosas arcadas e bem lançadas salas, e o aqueducto que de fresco se tinha construido.

Demora-se aqui na descripção da organisação das faculdades de theologia, direito canonico e civil, e mathematicas que alli se ensinavam, e de cujos canones tinham saido já por esses tempos muitos ecclesiasticos e bispos insignes, que occuparam com louvor as egrejas de Portugal e do Oriente. Tambem lhe não escapa a capella, a sala dos capellos, notavel pela sua vastidão, tecto e ornatos; o ceremonial do doutoramento dos academicos, e as muitas rendas da universidade, de que era então reitor D. Nuno de Noronha, filho do conde de Odemira, nomeado pouco antes para a egreja de Viseu. Tambem não deixou de fazer honrosa menção do doutor Martinho Aspilcueta, chamado o Navarino, que fôra alli cathedratico da faculdade de canones, no espaço de mais de trinta annos, e estava a esse tempo jubilado com mil cruzados de renda, cuja sabedoria era celebrada em todo o mundo. Toca tambem nos dois collegios, de S. Paulo e S. Pedro, e estende-se mais que tudo em descrever o famoso collegio das Artes, e sua grandiosa fabrica, que o tornava a mais commoda habitação entre todos os conventos do reino. El-rei D. João III, seu fundador, determinára que houvessem alli sempre doze theologos promptos para as missões da India e do Brasil, o que fazia com que este collegio fosse o seminario e viveiro das nossas conquistas, e que o muito que a egreja ganhára em todo o Oriente desde a sua fundação lhe fosse na maior parte attribuido. Ensinavam n'elle a lingua e litteratura latina, e a rhetorica onze professores em onze aulas; dois a lingua e litteratura grega e hebraica, quatro a philosophia e tres a theologia. O numero de estudantes orçava quasi por dois mil, e por mais de duzentos a communidade jesuitica, tendo a casa quinze mil cruzados de renda.

Foram os japões successivamente ouvir cada um dos professores, para o que se armaram de tapeçaria as aulas, e os estudantes compareceram com as suas melhores galas. Em uma das aulas representaram um drama alludindo ao Japão e á Europa, e o mesmo se fez em outras duas com muita elegancia e propriedade. Tambem se solemnisou a sua visita com uma tragedia entremeiada com melodiosos concertos, a qual durou quasi sete horas. Passaram alli o natal em 1586, que os padres solemnisaram construindo um presepio muito ao vivo, com poesias campestres e laudatorias do nascimento de Senhor.

Era então bispo de Coimbra D. Affonso, que o fôra do Algarve. Foi extrema a benevolencia que lhes mostrou visitando-os, dando-lhes mimos e presentes, acompanhando-os a ver os sanctuarios da cidade, convidando-os para um lauto banquete em seu paço, e levando-os a gozar da amenidade da quinta de S. Martinho, propriedade da mitra, e á quinta de Villa Franca, que os padres tinham á beira do Mondego, abundantissima em frutas de todo o genero. Dia de natal convidou-os a assistirem ao pontifical na sua sé, onde o cabido os recebeu collegialmente, e lhes deu logar distincto na capella-mór, e as mais honras que o ritual concede aos principes que assistem em publico ás solemnidades religiosas.

Assim passaram os nossos japões vinte dias em Coimbra, d'onde partiram para a Batalha, cuja monumental egreja e convento os arrebatou sobre maneira, o que se repetiu no de Alcobaça, dos quaes não diremos nada, por ser de todos bem conhecida a magnificencia de ambos, mórmente n'aquelles tempos.

XI

Logo que os japões chegaram de novo a Lisboa, começaram os apretos para a viagem, e receberam maior prova da real liberalidade do cardeal vice-rei, pois S. A., além do que já lhes tinha dado para esse fim, mandou-lhes dar mais quatro mil cruzados em nome del-rei, e expediu ordem para que se lhes procurasse o melhor gasalhado na nau que os devia levar á India, em que gastaram um anno e meio. Tambem aos trinta e um padres que embarcaram com elles, parte na mesma nau, parte n'outra de conserva, deu tres mil e quinhentos cruzados, e escreveu de maior ao vice-rei da India cartas commendaticias, mandando dar em Goa aos embaixadores quatro cavallos dos melhores, e todo o necessario para a navegação da China e do Japão, o que elle preencheu primorosamente.

Acaba o auctor este colloquio com uma descripção das causas da riqueza da Europa, e passando ao XXXII, trata da viagem de Portugal á India e da India a Macau.

Feitas, entre lagrimas de saudade, as despedidas do cardeal, dos padres e da cidade, embarcaram a 12 de abril na nau portugueza S. Filippe com vinte e um padres da companhia, entre os quaes se contava o P. Nuno Rodrigues, seu director. N'outra nau embarcaram outros doze padres da mesma ordem, destinados assim como aquelles ás missões orientaes do padroado portuguez. Iam de conserva com estas duas, muitas outras, que se dirigiam ao Brasil, á Guiné, a S. Thomé e a S. Jorge da Mina, ao todo vinte e oito. Navegaram prosperamente até ao dia 6 de maio, em que passaram a linha equinoccial, e a 26 assaltou-os de subito tão rijo tufão, aos quatorze gráos da linha, que lhes despedaçou as vergas do mastro grande, rasgou o panno e desfez parte da mastreação, o que os poz em grande perigo e consternação.

Refeita a nau d'esta refrega, e reparado o damno, passaram a 7 de julho o cabo da Boa Esperança e o das Agulhas com grande calmaria. Mas tão furiosa tormenta deu sobre elles depois até á altura da terra do Natal, que os mares grossos sobre maneira, e os ventos saltando por um e outro rumo, não davam logar a acudir a nau ao leme, nem a se marearem as velas, parecendo não uma mas muitas tempestades, e trouxe a todos assombrados com a vista da morte a arremessar-se-lhes medonha por todos os lados. Amainando, porém, os ventos, succedeu á tempestade a bonança.

Passaram proximo dos cachopos Judeus, famosamente infamados com os naufragios de muitas naus nossas, e especialmente com o da nau S. Thiago, a mesma que trouxera de Nangasaki a Lisboa os japões, e na tornaviagem se despedaçára, e miseravelmente soçobrára pouco antes, alli mesmo. Pinta aqui o auctor muito ao vivo este memoravel desastre. Mas para nós que escrevemos em Portugal, como com melhoria de razões de si dizia o bom P. Lucena [1], e por servir aos portuguezes, a quem a carreira da India é já quasi natureza, não ha razão para nos dilatarmos curiosamente n'estas coisas. Só diremos que uma parte dos navegantes se salvou nos escaleres, mas escapando de serem tragados pelas ondas do mar, foram quasi todos cair nas mãos dos cafres, que os despiram, roubaram e fizeram escravos. Entre estes havia seis missionarios da Companhia, dos quaes morreram quatro á mingoa e de doença, e os outros dois poderam recuperar a liberdade e contar por sua propria boca este caso lastimoso. Um d'estes foi o P. Pedro Martins, que em 1590 era provincial da India.

[1] Hist. da vida do P. Francisco Xavier, liv. I, cap. XI.

(Continua) A. J. F.